

GEOGRAFIA FÍSICA E GEOGRAFIA HUMANA: uma dicotomia a ser superada?

Sérgio Henrique Pinto Silva

Geógrafo licenciado pela U FMA, especialista na
área de Educação em Docência do Ensino Superior
pela FACAM

Resumo: Busca-se uma melhor compreensão da dicotomia existente entre a Geografia Física e a Geografia Humana e a necessidade de superá-la. A ciência geográfica possui uma grande virtude que é a visão global da realidade, mas a especialização é necessária para evolução dessa ciência. Nesse sentido é que se procura analisar as diferentes formas de ensino geográfico, pois se percebe que profissionais da geografia através das especializações entram em conflito com as demais áreas de conhecimento, pois acabam concentrando-se em determinados assuntos, favorecendo dicotomia já mencionada. Os professores de instituições públicas e particulares do Ensino Fundamental e Médio vivenciam essa situação com menos divergência, pois estão envolvidos com disciplinas distintas.

Palavras-chave: Geografia Física. Geografia Humana. Dicotomia. Geografia Crítica e Ensino.

Abstract: It's search the best comprehension of the existed dichotomy between the physics geography and human geography and the necessity of surmount it. The geographic science has a great virtue, that is the global vision of the reality, but a specialization is necessary to this science evolution. In this way, we are looking for to analyses the different ways of geographic teaching, where it's noticed that the geography professional start a conflict with other areas of knowledge , through out the specialization, therefore they concentrate themselves in other subjects in the end, in order to favor the dichotomy already mentioned. Teachers of public an particular institutions of elementary and high school, live this situation with less divergence, therefore they are involved with distinct subjects.

Keywords: Physics Geography, Human Geography, dichotomy , Geography Criticizes and Education.

Introdução

A Geografia é a ciência das relações espaciais, sendo seu objeto de estudo o espaço, o qual essa razão engloba o social e o natural, ocupando lugar intermediário entre as ciências sociais e naturais.

Acredita-se em uma ciência geográfica que sustente uma visão global do homem e da natureza, embora mantenha especializações a exemplo das demais ciências. Como exemplo dessa relação existem alguns elementos que demonstram o verdadeiro fundamento do conhecimento global, ao afirmar que a geografia urbana é somente humana, pois considera todos os aspectos físicos, que afetam a sociedade urbana, tais como a rede hidrográfica, o relevo e o solo, muitas vezes impermeabilizado.

Entretanto, afirmar o caráter puramente físico da Geomorfologia significa desprezar vários aspectos que afetam diretamente a sociedade, entre eles os movimentos em massa.

A dicotomia entre Geografia Humana e Geografia Física enfraquece a ciência geográfica, pois, ao renegar uma delas, o geógrafo restringe o seu campo de trabalho. Perde, portanto, espaço em uma sociedade cada vez mais competitiva, ao referir-se por exemplo, à importância da temática ambiental, possivelmente o tema que mais une os diferentes ramos da Geografia, mas, ao mesmo tempo, é cobiçado por várias outras ciências, essa perda da Geografia é devido à sua fragmentação. A formação dualista da Geografia, englobando os aspectos físicos e sociais associados à capacidade de síntese, fornece uma ampla vantagem dessa ciência perante as demais.

Portanto, o objetivo desse estudo é mostrar que a Ciência Geográfica não pode excluir suas afinidades a partir de sensíveis diferenças e é, sobretudo, a respeito dessas diferenças que as idéias são pouco precisas.

Na complexidade desses fenômenos, não se deve ter uma única maneira de abordar o estudo dos fatos, mas sim observá-los de ângulos diferentes.

Partindo desse entendimento é que o ensino da Geografia deve ser ministrado de forma explicativa, contribuindo para o desenvolvimento de um pensamento consciente e crítico.

A Dicotomia da Geografia

A dicotomia é reconhecida e acentuada nas grandes universidades, onde a especialização (Mestrado ou Doutorado) predomina e os professores, além de lecionarem disciplinas nas quais são especializados, realizam também pesquisa. Os departamentos de Geografia aparentam ser subdivididos em dois departamentos independentes: Geografia Física e Geografia Humana. Em geral, a pesquisa e os trabalhos com os alunos são realizados isoladamente, não havendo integração entre as disciplinas físicas e humanas. Os profissionais tendem a apresentar uma visão mais direcionada para as suas especializações, encontrando, muitas vezes dificuldade de realizarem na prática as inter-relações possíveis com outros campos do conhecimento geográfico. Esses profissionais, de modo geral, demonstraram individualismo em seus trabalhos de campo, não havendo a participação de outros professores. Portanto, a visão global do objeto de investigação é prejudicada.

Nas instituições de pequeno porte, os professores, em geral, não são especialistas e lecionam várias disciplinas, muitas vezes distintas entre si, o que nos leva a crer no insuficiente aprofundamento em cada uma delas. Não há contato freqüente entre os professores, pois muitos são horistas e encontram-se nos horários de aula. A dicotomia entre geografia física e geografia humana não é sentida por esses profissionais. Isso significa que haja integração consistente entre esses dois ramos da geografia, pois a visão do professor tende a ser superficial, não havendo aprofundamento dos problemas abordados.

A especialização é importante para o geógrafo, no seu crescimento pessoal e para melhor desenvolver o seu trabalho, inclusive como professor. A discussão da dicotomia existente na geografia poderia tomar novos rumos se assumíssemos que: a) a especialização é necessária para o desenvolvimento dessa ciência; b) o geógrafo precisa manter a visão global do objeto de estudo, supostamente conquistada na sua formação inicial, mesmo depois da especialização.

Discute-se muito a dicotomia existente na geografia e a ação dos geógrafos. Mas em relação aos professores geógrafos e não geógrafos que atuam nos campos de Geografia e os reflexos de suas ações sobre os alunos – futuros profissionais – há pouco debate.

Será que a dicotomia existente entre a Geografia Física e Geografia Humana não é agravada pelos professores na própria universidade? Como esperar do futuro geógrafo uma visão global da realidade se na própria universidade essa visão não lhe é permitida?

Mendonça (1998) observa a preocupação dos estudantes de graduação em geografia que,

[...] perplexos diante da disparidade de disciplinas que compõem a formação geográfica universitária, aliada a ideologia expressa por cada um dos seus mestres em relação à geografia que praticam, levam-nos a uma paradoxal busca de unidade do pensamento geográfico (p.25).

A Geografia é considerada como se alimentando nas fontes de fatos da Geologia, da Física, das ciências naturais e, de certa forma, das ciências sociológicas. Ela serve-se de noções, sendo que algumas delas são os objetos de estudos aprofundados nas ciências vizinhas; daí vem então à crítica que se faz às vezes à Geografia, a de viver de empréstimos, a intervir indiscretamente no campo de outras ciências, como se houvesse compartimentos reservados no domínio da ciência. Na realidade, como veremos, a geografia possui seu próprio campo. O essencial é considerar qual uso ela faz dos dados que ela exerce.

A dicotomia Geografia Física versus Geografia Humana neste momento histórico não pode ser confundido com o abandono do conhecimento da natureza geográfica. O conhecimento da natureza sempre esteve presente na preocupação analítica dos geógrafos.

George (1986) afirma que é por sua atitude sintética que o geógrafo se sobressai entre pesquisadores ou práticas que recorrem apenas a métodos analíticos estreitamente especializados e ignoram geralmente o contexto, inclusive o contexto geográfico, do tema de seus estudos ou de sua atividade. Segundo esse autor: “[...] a especialização se tornou inevitável” (p.22). O problema principal consiste em fazer com que esta especialização se harmonize com uma unidade do pensamento. Hoje em dia, é totalmente inútil obstinar-se em esperar que o mesmo indivíduo produza obras-primas simultaneamente em Geomorfologia, em economia e em urbanismo; é indispensável, entretanto, que, tendo optado por este ou por aquele, dentre esses vários setores, os pesquisadores geógrafos não se descuidem de agir como geógrafos, permanecendo continuamente integrados numa

equipe e num mesmo modo de pensar, de forma que lhes seja sempre possível passar de um campo para outro, sem que isto lhes acarrete a obrigação de se manterem cientes de tudo que ocorre ao nível da pesquisa fundamental.

A especialização não implica perda do poder de síntese, mas aprofundamento em um campo específico calcado em uma fundamentação global que a geografia como ciência oferece. A própria especialização pode favorecer esse poder de síntese, pois fornece mais subsídios ao geógrafo, tornando-o mais capaz para análise de determinado problema, desde que não perca sua visão global.

Lacoste (1985) observa que:

[...]embora haja dificuldade, parece necessário manter o princípio da geografia global, ao mesmo tempo física e humana, encarregada de dar conta da complexidade das interações na superfície do globo entre os fenômenos que dependem das ciências da matéria, da vida e da sociedade. Bem entendido, este princípio de uma Geografia global não exclui absolutamente que, alguns geógrafos se especializem nos estudos dos aspectos espaciais dos fenômenos humanos, e outros, na análise das combinações espaciais dos fenômenos físicos. É indispensável, porém, que uns e outros guardem contatos suficientes entre si, tenham preocupações epistemológicas comuns e que aqueles que são engajados na ação ocupem-se do emaranhado nesta ou naquela porção do espaço dos diversos fenômenos humanos. Isto não é somente do interesse deles, dos geógrafos; é definitivamente do interesse de todos os cidadãos (p.65).

A especialização não deve ser vista pelo geógrafo como fuga da visão global, mas encarada como necessidade real profissional. Essa discussão entre a busca da especialização ou de visão mais global dos problemas a serem investigados está associada diretamente à divisão que a geografia apresenta entre humana e física. Mas será que a especialização implica a perda de uma visão global dos problemas a serem investigados? É possível um geógrafo não especializado apresentar uma visão global consistente? Considera-se que não. A visão global que a Geografia permite não é perdida na especialização, mas pelos próprios geógrafos, o que pode estar associado à formação bastante dicotomizada nas grandes universidades ou muito superficial em instituições de pequeno porte.

A visão global da realidade. Seria essa a grande virtude do geógrafo? Coelho (1997) salienta o fato de os geógrafos terem uma visão mais global e sintética da realidade, tendo, portanto, a capacidade de inter-relacionar os mais diversos dados, demonstrando portanto, uma preocupação com o conjunto, não alcançada por especialistas de outras áreas. A autora salienta, ainda, que essa abordagem global vem sendo novamente valorizada nos

meios científicos, devido à necessidade de se levar em consideração os diversos aspectos para uma melhor compreensão da realidade como um todo.

Essa valorização de uma visão global, como afirma Coelho, não está restrita aos meios científicos, mas à sociedade contemporânea. Devido às tendências atuais de reduzir custos e aumentar a produção, observa-se sensível redução de pessoal no setor secundário de economia, não só devido à automação, mas também à busca de profissionais multidisciplinares. É nesse contexto que o geógrafo seria o profissional mais capaz para atuar em áreas envolvendo o meio ambiente e a sociedade. Mas para isso, necessita romper com a dicotomia existente entre o físico e o humano.

Essa dicotomia é discutida por muitos autores. Mendonça (1992) aborda inúmeros trabalhos que discutem os aspectos básicos da geografia enquanto ciência.

É interessante, todavia, notar que a maior dessas produções é de autoria de geógrafos ligados, principalmente à parte humana/social da geografia, registrando uma tendência a tratar os aspectos ligados à geografia física de maneira muito superficial. Acreditamos que isto se dê principalmente pela falta de convívio contínuo com este sub-ramo da geografia. A referida dicotomia tem um forte componente histórico. A geografia tradicional reinante até os meados do século XX era descritiva e com forte componente físico. A partir da década de 1960, com o predomínio da chamada geografia crítica, grande parte dos geógrafos passou a desconsiderar os aspectos físicos e valorizar apenas o que se relacionava ao social sem refletir sobre a problemática integração entre o homem e a natureza (p.44).

Sansolo (1996) faz uma apreciação dessa postura da geografia crítica, observando que o geógrafo não deve ignorar os aspectos físicos, mesmo em áreas urbanas.

Em uma metrópole, embora o relevo tenha sido alterado pela construção de prédios, ou cuja bacia de drenagem foi impermeabilizada pelo asfalto e seus rios e córregos canalizados, ainda assim os processos naturais como os geomorfológicos, expressos pelo movimento de massa de vertentes e depósitos sedimentares em rios e córregos; processos climáticos, como sazonalidade das chuvas, temperaturas e umidade; migrações de aves continuam ocorrendo e vão continuar ocorrendo (p. 36).

Essa observação do autor demonstra bem que não se pode pensar a geografia de forma compartimentada. Mesmo em regiões urbanas, os fenômenos físicos, por mais controladas que estejam pela ação do homem, continuam ocorrendo e exercendo sua influência. O contrário também é válido, “[...] mesmo pesquisas que recaem apenas sobre os caracteres físicos de um território não passam, por isso, a dizer menos respeito à população que aí vive, na medida em que seus resultados tornam mais eficaz uma

intervenção aí” (LACOSTE, 1985). Mesmo em regiões inóspitas onde o homem pouco teve contato, os trabalhos dos geógrafos visam à sociedade, pois essa ação busca uma adequada ocupação do espaço ou estudar o impacto já causado pelo homem, pois, por exemplo, é difícil imaginar algum lugar na superfície da Terra ainda não atingido pela poluição. Não podemos nos esquecer das correntes de ar que circulam pela atmosfera terrestre e que espalham gases e poeiras emitidas pelas indústrias, queimadas e demais formas de poluição atmosférica. O próprio fundo oceânico, mesmo distante da interferência do homem, certamente já sofreu sua presença devido à imensa quantidade de dejetos lançados nos rios e mares do planeta. Pode-se argumentar que:

[...] por mais que o desenvolvimento interno das sociedades humanas aumente a distância entre a sociedade e a natureza, distância esta jamais atingida na História do homem como na fase atual do capitalismo, o qual tende, mundialmente, a levar a uma apropriação privada da natureza, por mais que isso aconteça e se amplie, o homem nunca deixará de ser natureza. Não há dúvida sobre isso. Por mais que a vida em sociedade tenha transformado a própria vida biológica do homem, esse continua um ser vivo sob a ação das condições ambientais existentes na “superfície” do planeta Terra, às quais ele não se submete simplesmente, mas reage ativa e reflexivamente (SEABRA, 1984, p.15).

As observações de Mendonça (1992) refletem bem a preocupação com a perda dessa característica por parte dos geógrafos.

A geografia é a única entre as ciências humanas a ter em conta os aspectos físicos do planeta (quadro natural). Daí a grande problemática epistemológica e metodológica desta ciência. Analisar os processos que se desenvolvem na natureza e na sociedade individual e conjuntamente é tarefa árdua e exige grande competência. Neste sentido não é de se estranhar que boa parte dos geógrafos caia na produção de trabalhos especializados, aprofundando a setorização do conhecimento geográfico. A alternativa – a produção de uma geografia global, envolvendo tanto as análises do meio natural, quanto da sociedade em suas mútuas relações de causas e efeitos – não significa desenvolver uma ciência de cunho meramente enciclopédico ou descritivo, mas, sobretudo caminhar no sentido da fidelidade ao objetivo principal desta ciência: o estudo da relação entre o homem e seu meio, entre a sociedade e a natureza.

Os geógrafos físicos e geógrafos humanos que acirram suas especializações de acordo com sub-ramos individualizados da Geografia, caminham de forma muito ambígua. Analisar ou trabalhar somente os fenômenos sociais esquecendo do espaço físico sobre o

qual eles se desenvolvem é tão incompleto do ponto de vista geográfico, quanto analisar ou trabalhar o quadro físico de um lugar sem considerar as ações e relações humanas em seu contexto. Todavia, nem um nem outro deixam de ser Geografia, desde que os fenômenos abordados estejam trabalhados dentro de uma especialidade, conforme os princípios básicos desta ciência.

Acredita-se que uma grande contribuição à Geografia seria dada se começássemos a analisar a dicotomia existente nessa ciência desde a universidade, a partir do ensino da geografia, buscando neutralizá-la e formar profissionais com visão global da realidade. Mais tarde, com a especialização em um ramo da geografia, esse profissional não perderá de vista a visão global, pois sua formação universitária lhe terá dado subsídios para tanto.

Considerações finais

Um dos grandes desafios da Geografia é superar a dicotomia existente entre o físico e o humano. É uma tarefa difícil, pois muitos geógrafos consagram um ramo dessa ciência, renegando o outro.

Partindo do princípio de que o geógrafo não deve abdicar da vantagem que possui em relação aos demais profissionais referentes à visão global do objeto de estudo, deve-se assumir a especialização como fundamental; proporcionar ao geógrafo uma visão global, mesmo se especializando em um dos ramos dessa ciência; e principalmente promover os trabalhos interdisciplinares nas universidades.

Neste contexto, não só se define a Geografia como se redefinem todas as áreas que deram suporte às análises geográficas como: a Geomorfologia, a Biogeografia, a Climatologia, etc. Estas reformulam suas análises, privilegiaram algumas abordagens e algumas escalas de análise, em detrimento de outras. Estas transformações dizem respeito ao contexto econômico e social contemporâneo, em que o desenvolvimento da ciência e sua relação direta com a tecnologia permitem perceber que, no estágio atual, a apropriação da natureza transfigura a natureza e sua dinâmica, exigindo não só novos métodos de trabalhar natureza e sociedade, mas também novas formas de conceber o que é natureza e o que é sociedade.

Estas transformações conceituais se fazem presentes hoje no contexto científico, em geral, e nas diferentes áreas do conhecimento. De maneira particular na geografia que expressa algumas tendências da discussão e certos encaminhamentos analíticos no âmbito geográfico que enfatizam os estudos da natureza e da sociedade.

REFERÊNCIAS

COELHO, A. M. S. **Para uma caracterização do raciocínio geográfico**. Belo Horizonte, 1997. 152 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais.

GEORGE, P. et al. **Geografia ativa**. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1975.

GEORGE, P. **Os métodos da geografia**. 2. ed. São Paulo: Difel, 1986.

LACOSTE, Yves. Pesquisa e trabalho de campo. **Seleção de textos**. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros, n. 11, 1985.

MENDONÇA, F. **Geografia física: ciência humana?** 3. ed. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. Dualidade e dicotomia da geografia moderna. **Ra'EGA: o espaço geográfico em análise**, Curitiba: UFPR, v. 2, n. 2, p. 153-165, 1998.

MONTEIRO, C. A. De F. **A geografia no Brasil (1934-1977): avaliação e tendências**. São Paulo: Instituto de Geografia – USP, 1980 (Série Teses e Monografias, 37).

PENTEADO ORELLANA, M. Metodologia integrada no estudo do meio ambiente. **Geografia**, São Paulo, v. 10. n. 20, p. 125-148, out. 1985.

SANSOLO, D. G. **A importância do trabalho de campo no ensino de geografia e para educação ambiental**. São Paulo, 1996. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Física) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo.

SCORTEGAGNA, A. **Trabalhos de campo nas disciplinas de geologia introdutória: cursos de geografia no Estado do Paraná**. Campinas, 2001. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação Aplicada às Geociências) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas.

SEABRA, M. F. G. Geógrafos? **Revista Orientação**, São Paulo: Instituto de Geografia – USP, v. 5, p. 9-17, out. 1984.